



PROMETEUS - FILOSOFIA



MAESTRADO EM FILOSOFIA/ UFS - CATEDRA UNESCO/ ARCHAÍ

Julho - Dezembro de 2014 - volume 7 - Ano 7 - N. 16

ISSN: 2176-5960

IMAGINÁRIO, UTOPIA, DEMOCRACIA¹

Constança Marcondes Cesar
Universidade Federal de Sergipe

RESUMO: O papel da imaginação na vida social é estudado por Ricoeur no âmbito de uma teoria geral da imaginação. Em sua filosofia, a ideologia e a utopia são focalizadas como duas expressões do imaginário social. Examinaremos, primeiro, o papel da imaginação, em seguida focalizaremos a questão da utopia e, finalmente, as relações entre ética e utopia.

PALAVRAS-CHAVE: Ricoeur. Imaginário. Utopia. Democracia.

ABSTRACT: The imagination's role on the social life is focalized by Ricoeur in his theory of imagination. Ricoeur's philosophy presents ideology and utopia as a social expression of the social imaginary. We will study, first of all, the imagination's role; after, we will focalize the question about utopia and at the end, we will focalize the relations between ethics and utopia.

KEYWORDS: Ricoeur. Imaginary. Utopia. Democracy.

¹ O presente texto foi publicado em francês com o título “Le cosmos humain: éthique et utopie”, na revista *Diotima*, Atenas: Société Hellénique d'Études Philosophiques, n. 29, p. 74-79, 2001. São as Atas do Congresso da Associação Cosmos e Filosofia. A tradução apresenta um texto ligeiramente modificado.

1. Introdução

O papel da imaginação na vida social é estudado por Ricoeur no âmbito de uma teoria geral da imaginação. Em sua filosofia, a ideologia e a utopia são focalizadas como duas expressões do imaginário social. Examinaremos, primeiro, o papel da imaginação, em seguida focalizaremos a questão da utopia e, finalmente, as relações entre ética e utopia.

Ricoeur estuda “a função prática da imaginação” (RICOEUR, 1986, p. 214), mostrando que o termo *imaginação* pode ter vários sentidos. A palavra significa “a evocação arbitrária de coisas ausentes, mas existindo alhures” (*Id., ibid.*, p. 215), bem como “os retratos, quadros, desenhos, diagramas, etc. [...] cuja função é fazer o papel das coisas que representam” (*Id., ibid.*, p. 215). Por sua vez, o termo *imagem* designa “as ficções que não evocam coisas ausentes, mas coisas inexistentes [...] aplica-se ao campo das ilusões” (*Id., ibid.*, p. 215) que levam aquele que se entrega a elas a acreditar que o objeto visado é um objeto real. A noção de *imagem* está relacionada às de *ausência* e *ilusão*: “do lado do objeto, ao eixo da presença e da ausência; do lado do sujeito, ao eixo da consciência fascinada e da consciência crítica” (*Id., ibid.*, p. 215); em suma, às noções de verdade e erro.

O uso metafórico da linguagem, o recurso à imagem poética, põem em relevo a força heurística da ficção, isto é, “sua capacidade de abrir e desdobrar novas dimensões da realidade” (*Id., ibid.*, p. 221). É pela imaginação antecipadora que desdobramos nossas possibilidades de ação. Mais ainda: nossa relação com os outros torna-se possível graças à intropatia, transferência, pela imaginação, à situação do outro (*Id., ibid.*, p. 225-228).

2. As práticas imaginativas: ideologia e utopia

O laço entre os seres humanos só pode se estabelecer “através de um certo número de práticas imaginativas, tais como a ideologia e a utopia” (RICOEUR, 1986, p. 228). A função da ideologia é a de preservar a sociedade; a da utopia, é a de fazer jorrar novos modos de viver, isto é, a de abrir o campo dos possíveis: “a utopia é o modo segundo o qual repensamos radicalmente o que é: família, consumo, governo, religião,

etc. De ‘parte alguma’ jorra a mais formidável contestação daquilo que é” (*Id., ibid.*, p. 232). A utopia, para nosso filósofo, tem uma função de subversão e de crítica aos paradoxos do poder e da vida em sociedade; submete a realidade ao sonho, ao dever-ser (*Id., ibid.*, p. 233).

A utopia mostra que o homem de hoje nada mais é que a “profecia do homem vindouro” (*Id., ibid.*, p. 235). O nível do dever-ser e o da utopia convergem, sem se confundir; desvelam a dimensão ética do ser humano. Trata-se pois, em Ricoeur, de discernir as funções positivas da ideologia e da utopia: aquela promove a integração da sociedade, esta constitui “uma interpretação da vida real” (*Id., ibid.*, p. 387), é “a expressão de todas as potencialidades de um grupo que se acham reprimidas pela ordem existente” (*Id., ibid.*, p. 388). Para Ricoeur, a utopia, enquanto variação imaginativa sobre o tema do poder, e na medida em que “quer ser uma escatologia realizada” (*Id., ibid.*, p.389), tem uma função libertadora: a de “manter aberto o campo do possível” (*Id., ibid.*, p. 390).

3. Ética e utopia

A função ética da utopia reside, na nossa opinião, no instaurar alhures o bem-viver juntos. Pode-se dizer que “a pequena ética” de nosso filósofo, cuja regra de ouro acha-se resumida assim: “viver a vida boa, com e para os outros, em instituições justas” (RICOEUR, 1990, p. 199-236), já anuncia a meditação de Ricoeur sobre o Estado de Direito, fulcro de sua reflexão política.

A “cidade do futuro” é aquela onde os conflitos não são insuperáveis, onde a liberdade e a igualdade perante a lei, a racionalidade, são os valores maiores. A via em direção a esta cidade ideal é a “educação de todos para a liberdade, pela discussão” (*Id.*, 1986, p. 400). O Estado ético é o que realiza eficazmente o justo, e “sua virtude é a prudência” (*Id., ibid.*, p. 400), seu poder está fundado na razão, seu desafio é a mundialização da não-violência, “face externa da virtude da prudência” (*Id., ibid.*, p. 402).

A utopia de Ricoeur põe em relevo a urgência da criação de um Estado mundial, de uma autoridade reconhecida por todos, acima dos diversos Estados e que constituiria “o meio de sobrevivência dos Estados, enquanto educadores não-violentos” (*Id., ibid.*, passim). A utopia de Ricoeur engloba a ética e a política; é busca do Estado de Direito;

é tentativa de criar um espaço de liberdade, de igualdade jurídica; busca a efetivação da intenção ética na esfera do político (*Id., ibid.*, p. 403).

O caminho em direção à utopia é aberto mediante o engajamento político do cidadão em uma democracia. O Estado democrático é, segundo Ricoeur, aquele que se caracteriza pelo esforço de superação dos conflitos. Não se trata de eliminar os conflitos, dado que são inelutavelmente ligados à condição humana – precária e falível – mas de “inventar os procedimentos que permitam que os conflitos se expressem e permaneçam negociáveis” (*Id.*, 1990, p. 229). A livre discussão permite a formação de uma opinião reta; mas a liberdade só está assegurada no momento em que a maioria dos cidadãos participa das decisões.

A vida feliz, na cidade futura, é caracterizada pela amizade, o bem-viver junto. As instituições devem exprimir o poder-em-comum, a vida ética, no plano social. Ricoeur concorda com Hannah Arendt quando esta fala “da ação pública como de um tecido (web) de relações humanas” (*Id., ibid.*, p. 229). Esta ação deve buscar estabelecer, na vida social, a justiça, a igualdade proporcional, a equidade: “A igualdade [...] é, para a vida das instituições, o que a solicitude é, para as relações interpessoais” (*Id., ibid.*, p. 236).

A democracia, considerada por Ricoeur como a mais perfeita expressão da “vida boa, com e para os outros, em instituições justas”, não pode nunca se realizar inteiramente: existe sempre um desnível entre o dever-ser e o real. O mal, a falibilidade, o inelutável conflito entre os indivíduos – apresentados como elementos constitutivos da condição humana, recordam as obras de Platão e Aristóteles, que mostram que a cidade ideal nunca pode se instaurar no mundo sensível. Assim, Ricoeur, ao modo dos mestres gregos, tenta estabelecer as condições da melhor vida possível, a despeito das limitações que nos caracterizam. Propõe, então, ao mundo contemporâneo, antigos ensinamentos: o que afirma que a educação é a via régia para a liberdade; o que diz que a lei é a garantia do bem-viver; o que assinala que o debate é o instrumento do consenso social. Ricoeur busca, na afirmação da democracia como o melhor governo, o equivalente, no plano social “da euboulia – a boa deliberação [...]” (*Id., ibid.*, p. 301). O bem-viver se manifesta na democracia ricoeuriana como pluralismo, tolerância, respeito (*Id., ibid.*, p. 304 e ss). Nosso filósofo, de modo análogo aos mestres gregos, vê nos totalitarismos de

hoje (como os gregos viam outrora, na tirania) o grande obstáculo para a instauração da cidade feliz.

Nosso pensador examina “as tarefas do educador político” (*Id.*, 1991, p. 239-255) e põe em relevo as relações entre ética e política. Consideraremos, no que segue, as etapas desta relação e os elementos desta utopia. A inspiração buscada na ética clássica permanece apenas como pano de fundo de sua abordagem; ela dá lugar ao exame da complexidade e da novidade da sociedade contemporânea e à busca de uma paideia que possa responder às novas exigências da ética. Ricoeur considera o filósofo como “o educador político”, do mesmo modo que os intelectuais e “todos os que se sentem responsáveis, por uma ação de pensamento, de palavra e de escrita, pela transformação, evolução, revolução de seu país. Esse homens se acham nos sindicatos, nos partidos, nas sociedades de pensamento e nas Igrejas” (*Id.*, *ibid.*, p. 239).

A civilização, no sentido amplo do termo, abarca os “utensílios, máquinas [...], a técnica [...], tudo o que pode ser considerado como a acumulação de algo adquirido” [Ela é] “o conjunto dos meios e das mediações que permite a uma coletividade humana criar novos bens” (*Id.*, *ibid.*, p. 240). Assim, ela envolve “o saber, as ciências” [considerados] “como uma aquisição coletiva [...]” (*Id.*, *ibid.*, p. 240-241). A civilização é única, expressa uma só humanidade, na medida em que “toda invenção pertence, por direito, a todos os homens” (*Id.*, *ibid.*, p. 240-241). Talvez nossa época seja a primeira a compreender que pertencemos a uma única humanidade, a uma civilização mundial, na qual o saber cresce sem cessar. Mas só há civilização plural, na medida em que a apropriação da realidade técnica e econômica ocorre através das instituições, na pluralidade das experiências históricas. Quer dizer, o fenômeno da civilização se desdobra em muitos níveis, na vida política e na dos valores; nosso principal desafio é que “Em parte alguma, com efeito, podemos descobrir um *ethos* universal [...]” (*Id.*, *ibid.*, p. 246).

Que é a utopia e qual é sua relação com a ética, na complexa civilização mundial na qual nos encontramos? Qual é a tarefa do educador político, do filósofo, nesta civilização? A utopia se apresenta como a proposição de um valor-horizonte, que mostra ao homem contemporâneo as tarefas urgentes, imediatas, na construção da cidade do futuro. Essas tarefas são resumidas por Ricoeur quando diz que elas são: “a luta pela democracia econômica; a oferta de um projeto para o conjunto dos homens e

para a pessoa singular; a reinterpretação do passado tradicional, face à ascensão da sociedade de consumo” (*Id., ibid.*, p. 255).

A primeira tarefa é a instauração de uma democracia econômica, na qual os homens sejam capazes de assumir uma responsabilidade coletiva e de desvelar o significado ético de toda escolha aparentemente apenas econômica (*Id., ibid.*, p. 28 e ss). Esta democracia econômica deve fazer com que “o maior número possível de indivíduos participe da discussão e da decisão [...] a fim de que a escolha coletiva não seja confiscada por um pequeno número – seja [...] por um partido, seja pelos tecnocratas, seja por grupos de pressão” (*Id., ibid.*, p. 250). Criação coletiva, a existência deve implicar uma responsabilidade coletiva, levar em conta o futuro, a possibilidade da existência humana no futuro (*Id., ibid.*, p. 270-293).

A segunda tarefa consiste em integrar, na sociedade atual, as massas na vida histórica, exercendo “uma espécie de arbitragem permanente entre o universalismo da técnica e a personalidade constituída no plano ético-político” (*Id., ibid.*, p. 254) e articulando “o tempo de aquisição e de progresso”, representado pelo mundo tecnológico e “o tempo de criação e de memória”, representado pelas diversas culturas, com seus símbolos e valores (*Id., ibid.*, p. 254).

A terceira tarefa urgente é a de tentar reconhecer os valores do passado que podem sobreviver e, reinterpretando as tradições, ajudar as sociedades contemporâneas a “resistir ao nivelamento a que a sociedade de consumo as submete” (*Id., ibid.*, p. 254). Ricoeur diz que a democracia que buscamos ainda não existe. Hoje, só conhecemos a burocracia, o autoritarismo, a planificação selvagem, a luta entre os interesses privados (*Id., ibid.*, p. 250). É na vida política que a reflexão ética se mostra essencial para a edificação da cidade do futuro. A tarefa do filósofo é a de manter viva a tensão entre uma moral de convicção (a das comunidades confessionais, a das diferentes culturas) e uma moral da responsabilidade (a do cálculo político) (*Id., ibid.*, p. 251). Cabe aos filósofos, hoje, articular o que é desejável para o homem e o “*optimum* ético”, a eficácia social e a utopia (*Id., ibid.*, p. 251).

4. Conclusão

Utopia e realidade não são contrários absolutos: a utopia, como a ficção, redescreve a realidade; contesta o que é, para manter abertas alternativas de vida social

(RICOEUR, 1997, p. 12 e ss). A utopia não é “um sonho, mas algo que pede para ser atualizado” (*Id., ibid.*, p. 11); ajuda “a pensar a natureza da vida social” (*Id., ibid.*, p. 36), porque realça a contingência da ordem estabelecida. Ricoeur considera, na sua utopia, a humanidade como um único ser, que se acha no umbral de um novo mundo: um mundo mais justo, mais fraterno. Tal é sua fé, sua esperança.

Não pretendemos esgotar aqui todas as possibilidades oferecidas pela reflexão de nosso filósofo sobre a utopia; na sua obra, o tema é recorrente e considerado sob muitos aspectos. Deixamos de lado o exame aprofundado do par ideologia-utopia, bem como a consideração das utopias de Mannheim, Saint-Simon e Fourier, que Ricoeur considera em sua obra *Ideologia e Utopia*.

Em resumo, pode-se dizer que estudando o papel da imaginação na vida social, Ricoeur parte, em suas análises, da consideração das noções de imagem, imaginário, utopia, para considerar do papel crítico da utopia face ao paradoxo político (*Id.*, 1967, p. 294-321). Esta crítica tem também como finalidade descrever o bem-viver junto e a afirmar os valores de não-violência, liberdade, tolerância e justiça, na civilização mundial que se anuncia. A utopia democrática de Ricoeur trata de articular o desejável, no plano vida humana e o aprimoramento ético, para orientar a ação na busca da vida feliz para todos os homens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMARAL, R.A.P. de. *Paul Ricoeur e as faces da ideologia*. Goiás: Ed. UFG, 2008.

MARCONDES CESAR, C. (Org.). *A hermenêutica francesa: Paul Ricoeur*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. *Paul Ricoeur: Ensaio*. São Paulo: Paulus, 1988.

RICOEUR, P. *Histoire et vérité*. Paris: Seuil, 1967.

_____. *Du texte à l'action*. Paris: Seuil, 1986.

_____. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.

_____. *Lectures I*. Paris: Seuil, 1991.

_____. *L'Idéologie et l'utopie*. Paris: Seuil, 1997.